

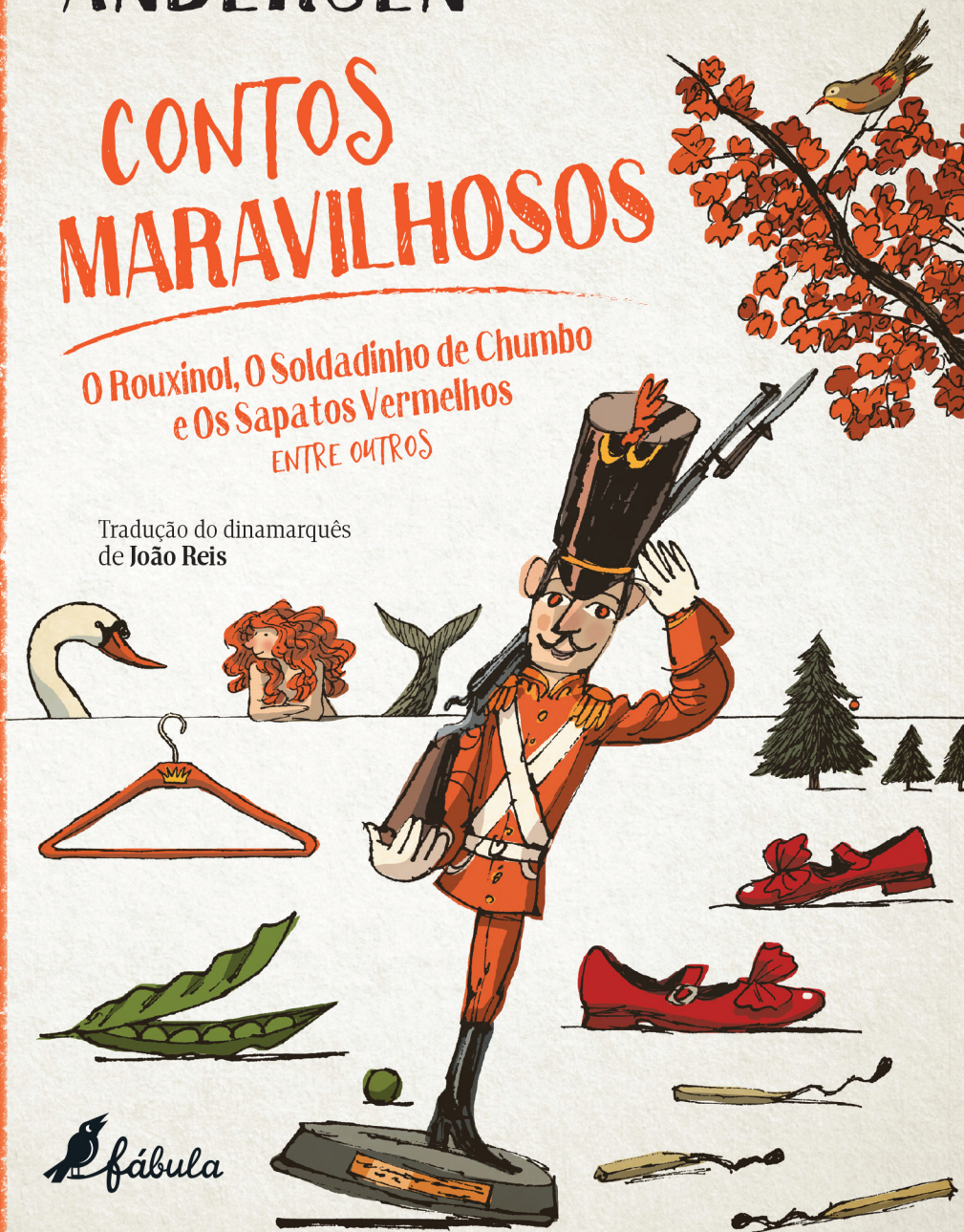
HANS CHRISTIAN ANDERSEN

MEIAS CURRICULARES
Leitura
recomendada
4.º ano

CONTOS MARAVILHOSOS

O Rouxinol, O Soldadinho de Chumbo
e Os Sapatos Vermelhos
ENTRE OUTROS

Tradução do dinamarquês
de João Reis



 fábula

Índice

Prefácio	7
As Roupas Novas do Imperador	11
A Princesa e a Ervilha	21
O Rouxinol	27
A Pequena Sereia	47
O Soldadinho de Chumbo	89
O Patinho Feio	99
A Menina dos Fósforos	119
Os Sapatos Vermelhos	127
O Abeto	141

Prefácio

Hans Christian Andersen nasceu na cidade dinamarquesa de Odense, em 1805. Filho único, partiu ainda no início da adolescência para Copenhaga, onde pretendia inicialmente tornar-se ator. Contudo, a vida trocou-lhe as voltas e Andersen viu despertar o seu interesse pela escrita, o que o levou a tornar-se autor de uma vastíssima obra que abrange romances, diários de viagem, peças, poemas e contos. E é recordado sobretudo pelos seus fantásticos contos, que nos transmitem, após tantos anos decorridos, valiosas lições de vida.

Assim, quem ler o conto *O Soldadinho de Chumbo* (*Den standhaftige Tinsoldat*), escrito por Andersen em 1838, saberá que é impossível matar o amor entre o soldado e a pequena bailarina, conquanto nada reste dos amantes além de um coração de chumbo. Uma história um tanto quanto triste, decerto, mas também repleta de esperança

e crente na força de redenção do amor, tal qual a *A Pequena Sereia* (*Den lille Havfrue*), conto de 1837 tão famoso, que define, ainda hoje, Copenhaga como a cidade onde a estátua da sereia observa o mar. E se Copenhaga é uma cidade voltada para as águas, não será impossível recuar a 1845 e imaginar num qualquer recanto das suas ruas *A Menina dos Fósforos* (*Den lille Pige med Svovlstikkerne*) que, desamparada, luta contra o frio e a indiferença fósforo após fósforo.

Andersen não era, contudo, um homem pouco viajado, e terá porventura encontrado no campo a inspiração para escrever, em 1843, *O Patinho Feio* (*Den grimme Ælling*), a história imortal que nos ensina, desde então, que a aparência não é o mais importante e nos demonstra que Andersen dominava, de resto, a arte da ironia. Ora, ironia é o que não falta certamente ao conto *As Roupas Novas do Imperador* (*Keiserens nye Klæder*), prova de que em 1837 os costumes eram semelhantes aos atuais e que a hipocrisia reinava entre os homens. Críticas mordazes estão também presentes no conto de 1835 intitulado *A Princesa e a Ervilha* (*Princessen på Ærten*), no qual a procura da nobreza pura cai no ridículo do excesso...

Apesar de multifacetado e reconhecido com toda a pompa em vida, Hans Christian Andersen jamais se deixou levar pela vaidade, para cujos perigos alerta em *Os Sapatos*

Vermelhos (De røde Sko), de 1845. Cuidado, não fiquem sem pés nem família! Porque, quando tudo se desmorona, só os verdadeiros amigos se mantêm ao nosso lado, assim como *O Rouxinol (Nattergalen)* não abandonou o seu imperador. E embora Andersen escrevesse acerca da genuína amizade em 1843, não se coibiu de, no ano seguinte, nos alertar que a vida é curta, a juventude passageira, e que depressa nos vemos derrotados e postos de lado se, como *O Abeto (Grantræet)*, não valorizarmos o que temos.

Nos nove contos aqui reunidos, é notório o porquê de Hans Christian Andersen sobreviver ao tempo e ser, ainda hoje, um dos mais influentes contistas para a infância. E para os adultos.

João Reis

As Roupas Novas
do Imperador

Há muitos anos, havia um certo Imperador que gostava tanto de vestir-se bem, que gastava todo o seu dinheiro em roupas novas. Pouco interesse tinha nas suas tropas e não gostava de ir ao teatro, nem de passear pelo bosque na sua carruagem. Só se ocupava com atividades em que pudesse exibir os seus novos trajes. Tinha um fato diferente para cada hora do dia. Ao contrário do que é costume dizer-se acerca de um suserano, que está reunido com os seus conselheiros, naquela corte anunciava-se sempre que «O Imperador está no quarto de vestir!».

A grande cidade onde ele vivia fervilhava de vida e estavam sempre a chegar desconhecidos. Um dia, chegaram dois aldrabões. Apresentaram-se como tecelões e afirmaram-se capazes de trabalhar o tecido mais esplendoroso que se pudesse imaginar. Além das suas cores

e padrões serem de uma beleza invulgar, as roupas feitas com esse tecido teriam a espantosa particularidade de se tornarem invisíveis a todos aqueles que fossem extremamente idiotas ou incompetentes nas funções que exerciam.

«Eram essas as roupas que me convinham», pensou o Imperador, «pois se as vestisse, descobriria quais dos meus súbditos não merecem o cargo que exercem, além de me ser possível separar os sábios dos imbecis! Sim, tenho seguramente de pedir que me costurem roupas com esse tecido, o quanto antes!» Por conseguinte, ofereceu aos dois intrujões muito dinheiro para que começassem a trabalhar.

Os aldrabões montaram dois teares e fingiram trabalhar, embora não houvesse nada que tecer. Solicitaram seda de grande qualidade e fio de ouro puro tão-só para os guardarem nas suas malas, ao mesmo tempo que fingiam trabalhar nos teares vazios até altas horas da noite.

«Gostava de saber como decorre o trabalho dos tecelões», pensou o Imperador, que, no entanto, se sentiu um pouco inquieto ao recordar-se de que não conseguiriam ver o tecido todos aqueles que não tivessem as competências suficientes para o cargo que exerciam. Não seria decerto o seu caso, mas pensou que seria preferível ordenar a outrem que conferisse qual o andamento dos trabalhos.

Todos os habitantes da cidade estavam a par do peculiar poder do tecido e ansiavam descobrir o quão idiotas eram os seus vizinhos.

«Vou pedir ao meu velho e honesto ministro que dê uma vista de olhos aos trabalhos», decidiu o Imperador. «Será a pessoa mais indicada para me dizer qual o aspeto do tecido, pois é um homem sensível e não há quem mais se adeque ao seu cargo.»

Assim, o velho e honesto ministro dirigiu-se à sala onde os dois aldrabões estavam sentados diante dos teatros vazios, que fingiam utilizar. «Deus me acuda», pensou ele ao arregalar os olhos. «Não vejo nada!» Contudo, nada disse.

Os dois patifes pediram-lhe que tivesse a gentileza de se aproximar para comprovar a excelência dos adornos e como as cores eram maravilhosas. Apontaram para os teatros vazios e o pobre e velho ministro esforçou-se o mais que pode por observá-los. Todavia, não via nada, porque não havia nada para ver. «Deus do céu», pensou ele. «Serei idiota? Jamais me ocorreria que sou um idiota. Ninguém o pode saber. Não estarei apto para ser ministro? Não posso permitir que se saiba que não vejo o tecido!»

— Não se coíba de nos dizer qual a sua opinião — pediu um dos tecelões.

— Oh, é lindo, encantador! — replicou o velho ministro, que os fitou por trás dos seus óculos. — Mas que padrão, que cores! Comunicarei ao Imperador o quão maravilhado estou.

— Aproz-nos tomar conhecimento da sua satisfação — disseram os vigaristas.

Em seguida, trataram de indicar o nome de todas as cores e de lhe explicar o complicado padrão. O velho ministro prestou toda a atenção, a fim de contar tudo o que ouvira ao Imperador. E assim procedeu.

Os patifes pediram de imediato mais dinheiro, seda e fio de ouro, de forma a prosseguirem com a tecelagem. No entanto, puseram tudo ao bolso e, apesar de parecerem trabalhar arduamente, pelos teares não passou um único fio.

Pouco tempo depois, o Imperador pediu a outro funcionário da sua confiança que confirmasse em que estado se encontrava o trabalho e quando estaria este pronto. Aconteceu-lhe a mesma coisa que ao ministro. Olhou uma e outra vez, mas, estando os teares vazios, não viu nada.

— Não é uma belíssima peça? — perguntaram-lhe os vigaristas, enquanto lhe mostravam e descreviam o padrão inexistente.

«Não sou ignorante», pensou o homem. «Será que não estou à altura do meu cargo? Que esquisito! Não posso

permitir que o descubram.» Elogiou, portanto, o tecido que não via. E afirmou estar deliciado com as bonitas cores e o requintado padrão.

— Fiquei enfeitiçado — revelou ele ao Imperador.

Toda a cidade falava daquele tecido esplêndido e, curioso, o Imperador quis vê-lo com os seus próprios olhos enquanto estava ainda nos teares. Acompanhado por um grupo de homens escolhidos a dedo, entre os quais se encontravam os dois velhos emissários de confiança, visitou a sala de tecelagem, de modo a observar o trabalho dos aldrabões. Encontrou-os a tecer com furor, animadíssimos, embora não encontrasse um único fio nos teares.

— É magnífico — afirmaram os dois emissários reais já aldrabados. — Veja bem, Sua Majestade, que formas, que cores! — diziam a apontar para os teares vazios, pois cada um supunha que os outros conseguiam ver o tecido.

«Mas que vem a ser isto?», pensou o Imperador. «Não vejo nada. É horrível! Serei idiota? Não terei dignidade para ser imperador? Que coisa me havia de acontecer! Logo a mim!»

— Oh, é lindíssimo — referiu ele. — Aprovo-o sem reservas.

Posto isto, fez alguns gestos de satisfação para o tear vazio. Nada no mundo o obrigaria a confessar que não via nada.

Toda a sua comitiva olhou e olhou, mas nenhum dos presentes viu mais do que os restantes. No entanto, todos se juntaram ao coro de elogios do Imperador.

— Oh! É lindíssimo — bradaram.

Aconselharam-no a usar roupas feitas com aquele magnífico tecido no grandioso cortejo que haveria em breve. «Magnífico! Excelente! Inimitável!» foram palavras passadas de boca em boca, enquanto todos tentavam ao máximo parecer satisfeitos. O Imperador deu a cada um dos aldrabões uma cruz de cavaleiro para porem na lapela e o título de «D. Tecelão».

Na véspera do cortejo, os aldrabões trabalharam durante toda a noite e consumiram mais de seis velas. Desejavam demonstrar como se esforçavam por terminar a tempo as roupas novas do Imperador. Fingiram tirar o tecido do tear, fizeram cortes no ar com tesouras enormes e, por fim, declararam:

— As roupas novas do Imperador já estão prontas.

Depois, o Imperador compareceu na sala com os membros mais importantes da sua corte e os vigaristas ergueram um braço cada um, como se segurassem em alguma coisa.

— Aqui tem as calças, este é o casaco e a capa — disseram, apontando para cada peça de roupa. — São tão

leves quanto uma teia de aranha. Parece não ter nada vestido, mas é esse o detalhe que as torna tão elegantes.

— Sim, claro! — concordaram todos os nobres, ainda que não vissem nada, uma vez que não havia nada para ver.

— Se Sua Majestade Imperial tiver a gentileza de despir as suas roupas — disseram os aldrabões —, ajudá-las a vestir as roupas novas diante deste espelho alto.

O Imperador despiu-se e os intrujões fingiram ajudá-lo a vestir as roupas novas, uma peça após outra, enquanto se virava e revirava diante do espelho.

— Que bonitas são as novas roupas de Sua Majestade. São maravilhosas! — ouviu ele de todos os presentes. — Mas que formas tão perfeitas! E que cores tão adequadas! É uma indumentária preciosa.

— O pálido de Sua Majestade aguarda lá fora — anunciou, em seguida, o responsável pelas cerimónias públicas.

— Bem, creio estar pronto — disse o Imperador, que se virou para lançar um último olhar ao espelho; isto para parecer que estava a observar a sua vestimenta com o maior dos interesses. — É uma roupa esplendorosa, não é?

Os membros da corte encarregues de transportar a sua capa curvaram-se e levaram as mãos ao chão como se estivessem a levantá-la. Depois, fingiram erguê-la e segurá-la

bem alto. Não se atreveram, porém, a admitir que não viam nada.

E assim partiu em cortejo o Imperador sob o seu fantástico pálio. Todas as pessoas nas ruas e às janelas comentaram:

— Oh, como são bonitas as novas roupas do nosso Imperador! Não lhe assentam na perfeição? E vejam a sua enorme capa!

Ninguém confessava não ver nada, porque tal aceitação provaria que era uma pessoa inapta na sua profissão ou idiota. O Imperador jamais usara uma indumentária com tamanho sucesso.

— Mas ele não traz nada vestido — disse uma criança.

— Meu Deus, é a voz da inocência! — justificou o pai da criança.

E as pessoas sussurraram umas às outras o que a criança dissera.

— Ele não tem nada vestido! — gritaram por fim, em unísono, todos os habitantes da cidade.

O Imperador estremeceu, pois desconfiava que tinham razão. No entanto, pensou: «Este cortejo tem de continuar.» Assim, os seus cortesãos continuaram a erguer bem alto a capa que não existia.

Os contos de Hans Christian Andersen foram transmitidos de geração em geração, sem nunca perderem a sua magia e encanto.

Hans Christian Andersen foi muito influenciado pelas experiências pessoais, sobretudo da infância marcada pela miséria.

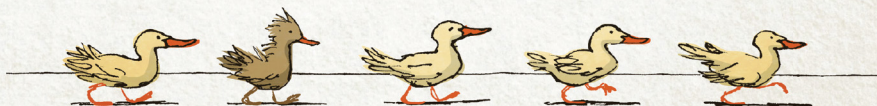
Os seus contos são espelho dos contrastes da condição humana: alegria e tristeza; riqueza e pobreza; sonho e realidade; vaidade e humildade; amor e dor. Quem lhes dá corpo são personagens imaginárias, que quase sempre adquirem uma nova vida, envoltas numa admirável narração.

Esta obra, traduzida do original dinamarquês, reúne alguns dos mais belos contos da literatura mundial: *As Roupas Novas do Imperador*, *A Princesa e a Ervilha*, *O Rouxinol*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*, *O Patinho Feio*, *A Menina dos Fósforos*, *Os Sapatos Vermelhos* e *O Abeto*.

«E é recordado sobretudo pelos seus fantásticos contos, que nos transmitem, após tantos anos decorridos, valiosas lições de vida.»

in Prefácio de João Reis

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-460-8</p> <p>9+</p>  <p>9 789897 074608</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	--